

'Peruísmos' na belle époque literária

Coleção *Leitura Maior* reúne textos de Coelho Neto, Tobias Barreto e Olavo Bilac, entre outros autores

Elias Thomé Saliba
Especial para o Estado

ouco importa se na tradição popular hindu o bicho da fábula fosse um cabritinho. Ou um carneiro, na versão árabe. Na narrativa ocidental, o bicho que inspira piedade é um peru que, certo dia, ao aproximar-se do Criador queixou-se de sua situação: “Todas as criaturas – diz o peru – querem me transformar em seu alimento. Como é possível, senhor, que eu lhes sirva só como alimento? Acha isto justo?” E a surpreendente resposta do criador do universo: “ – Que posso te dizer, meu filho, se Eu mesmo, quanto te vejo, fico com água na boca?” A fábula foi recontada em centenas de versões, com detalhes que quase sempre insistem na ingenuidade e na burrice do peru e na sua incapacidade de ultrapassar um círculo de giz, preso numa cerca imaginária, que a ingênua ave acreditava ser real. Provavelmente foi essa fábula, muito disseminada no período da nossa belle époque literária, que serviu de mote para muitas das divertidas e pitorescas narrativas de Tobias Barreto, Olavo Bilac, Coelho Neto, José Severiano de Resende e Aluísio Azevedo, oportunamente reeditadas em bonita e caprichada edição, a *Coleção Leitura Maior* (Barcarrolla/Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, caixa com 5 volumes, R\$ 89,50).

No caso de Tobias Barreto a inspiração foi direta, como no bem-humorado ensaio *Teoria do Peruísmo ou Filosofia do Peru*, escrito em 1883. Mais conhecido por seus sisudos ensaios filosóficos, aqui encontra-



INGENUIDADE - Ave (ou seriam os homens?) se mantém presa numa cerca imaginária

mos um Tobias bem à vontade, vestido com pijama e calçando chinelos: através da metáfora do peru que não consegue ultrapassar o círculo de giz ele avalia a ingenuidade humana e, por extensão, a dos pensadores e “explicadores” do Brasil, saindo-se com esse “profundo” dilema filosófico: “Ou o peru é um idealista, ou o homem também é um peru.” Se o ensaio não responde a tal dilema, pelo menos ele diverte, com suas propostas de “desperuizar” o País, curando-o das infundáveis e eternas estultices e asneiras.

riano de Resende – praticamente inéditos ao leitor contemporâneo – o decalque nas fábulas zoológicas é mais sutil, menos direto mas não menos divertido. Severiano, que era padre – segundo Agrippino Grieco, “uma curiosa figura de boêmio do clero, indeciso entre o sermão e o folhetim” – exercitou seu talento em poemas sobre o porco, o sapo, a girafa e o hipogrifo – este híbrido de mamífero e ave – todos caracterizados por um ritmo contagiante. Mas, basta acostumar-se com o vocabulário, que os seus pequenos ensaios sobre as vidas dos san-

tos surgirão como narrativas primorosas. Se os leitores católicos da época não gostaram – como na fábula do peru – da sua falta de cerimônia com Deus e da sua intimidade meio burlesca com austeras figuras da Igreja, é impossível não se divertir com as narrativas, muito pessoais, de São Sebastião, da Anunciação de Maria ou de São Bento. Até mesmo nos seus exageros, flui aquela simplicidade comovente e encantadora do melhor lirismo, quando ele chama Santa Luzia – a santa dos milagres oftalmológicos – de “Moura Brasil do Céu”,

Aluísio Azevedo também atenua seus excessos naturalistas, comparando com alguns de seus prefácios, cartas e algumas narrativas curtas, relembrando sua infância no Maranhão – todas selecionadas do seu pouquíssimo conhecido livro *Pegadas*, de 1897. Para completar a coleção, um volume com escritos de Coelho Neto – talvez o escritor brasileiro mais ridicularizado pelos modernistas. Injustamente ridicularizado, a julgar pela força li-

Sonhar é bom.
Com os nossos preços
é melhor ainda.

tudo em 10x sem juros*

a maior loja de móveis, decoração e
design que você já viu.

av. luís carlos berrini 2001 sp sac 0800 702 8012

etna